

A História na Memória: mobilização da história formal nas falas de mestres de capoeira

Vivian Fonseca*

Uma questão recorrente ao longo do trabalho de campo nas mais diferentes linhas de capoeira com as quais tive contato foi o passado. Ainda que até hoje um número expressivo de mestres não tenha tido acesso ao processo completo de educação formal, todos eles utilizam em suas falas conhecimentos históricos para explicarem a trajetória da capoeira e, claro, deles mesmos. Essa constante menção histórica se dá nas entrevistas que realizei, em relatos escritos publicados por esses mestres e também em músicas cantadas durante as rodas. O presente trabalho busca analisar como essa história é apropriada pelos mestres de capoeira e como eles recuperam momentos históricos dando significados diferentes a eles. Essa interpretação histórica nos faz compreender a visão desses mestres sobre seus estilos: capoeira esporte, arte, luta, dentre outros aspectos. Também é objetivo do trabalho analisar como os mestres constroem essas continuidades em uma história repleta de conflitos e rupturas como é a história da capoeira.

Ao debater as relações entre memória e história, Michael Frisch, em artigo publicado na coletânea *Usos e Abusos da História Oral* (2005), aponta para o entrelaçamento desses dois campos e para a importância da história oral em um processo de recuperação e reapropriação do passado. Segundo ele, “...a historicização formal e autoconsciente vem se transformando numa dimensão cada vez mais importante de como lembramos o passado e entendemos sua relação com a vida e a cultura contemporâneas” (p. 79). Esse aspecto se vê presente na capoeira, não sendo incomum o posicionamento de algum mestre embasado por questões históricas. Os Mestres entrevistados e igualmente os que mantive contato durante a pesquisa, têm um conhecimento aprofundado da História brasileira, porém, normalmente esse conhecimento diz respeito aos fatos que se relacionam de alguma maneira com a

* Mestre em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/ FGV. Mestrado cursado com bolsa de pesquisa cedida pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Rio de Janeiro Carlos Chagas Filho (Faperj).

capoeira. Em muitos casos, a prática ensinada por eles é colocada como a principal personagem da História do país, sendo ela, na visão de muitos mestres, por exemplo, a grande responsável pelo Brasil ter sido vitorioso durante a Guerra do Paraguai (1865-1870). Este evento aparece recorrentemente nas falas dos mestres, sendo destacado, muitas vezes, como um momento no qual a presença de capoeiras foi fundamental para a vitória brasileira na guerra. Além de estar presente nas falas dos capoeiristas, esse é um acontecimento bastante lembrado em cantigas de capoeira, que procuram ressaltar a participação heróica dos capoeiras durante o conflito.

Apesar de ser um evento mobilizado rotineiramente ressaltando-se o papel dos capoeiras na guerra, na historiografia sobre o tema a capoeira não obtém o mesmo destaque. Em grande parte, quando se faz presente a participação de capoeiras na guerra, nas palavras dos historiadores, se dá em apontamentos rápidos ou em notas de rodapé. É interessante perceber que com relação a esse evento nota-se uma dupla interpretação: de um lado, a interpretação histórica acadêmica e, de outro, a interpretação de pessoas que não participam do processo de construção da História formal e que, em muitos momentos, se vêem como herdeiros desses capoeiras que lutaram no Paraguai. Há ainda uma presença crescente de pesquisadores capoeiristas ou, ao menos, ligados à capoeira, e que escolheram a prática como objeto de estudo. Nesses casos, muitas vezes, esses autores procuram oferecer uma nova abordagem, dando maior atenção à participação dos capoeiras nos momentos históricos, mas dentro das regras acadêmicas.

O que se pretende não é confrontar visões diferentes sobre o assunto com o objetivo de questionar a legitimidade de uma ou outra visão. E sim, ressaltar que se tratam de interpretações do passado, que se mostram, como todas elas, entrelaçadas com as questões do presente. Há algumas décadas, quando a capoeira começava a ganhar espaço na sociedade, mas ainda se apresentava como uma prática bastante associada à marginalidade e outras categorias pejorativas, era preciso ressaltar participações heróicas e positivas dessa prática ao longo da história brasileira. Mesmo não tendo sido feita de maneira totalmente consciente, essa reconstrução do passado tem sido operada de modo recorrente por diferentes estilos, que agregam significados distintos a ela. Para alguns grupos, a participação na Guerra do Paraguai mostra o caráter de resistência da prática, à medida que esses capoeiras, e principalmente os negros capoeiras, vão à Guerra lutar por sua liberdade e pela liberdade de seu país. Esse momento, para eles, é

interpretado como uma possibilidade de reconhecimento do serviço da capoeira à Nação, que contrariaria a interpretação mais usual de que a capoeira seria, na realidade, ‘um câncer que deveria ser extirpado a todo custo’. Nesse último caso, alguns mestres buscam continuidades em eventos nos quais, para eles, a participação da capoeira foi de suma importância.

Um dos exemplos nesse sentido, é Mestre Russo, um dos entrevistados para a pesquisa e representante de uma capoeira de rua em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Ele faz uma periodização da História brasileira de forma que, ao mesmo tempo em que segue a divisão formal, ressalta os momentos nos quais existiram, para ele, mudanças significativas na capoeira. Além disso, Russo aponta a Roda Livre, da qual ele é um dos fundadores, como um momento de ruptura com o modelo esportivizado apoiado pelos militares. Em outro momento de sua entrevista, o Mestre relaciona o governo autoritário com esses capoeiristas que estavam se vinculando às Federações e que, por exigirem um padrão mais disciplinado em relação a ela, estariam também, sendo autoritários. Mais adiante, durante a entrevista, Russo destaca ainda que a Roda Livre coloca-se como um movimento de resistência ao regime militar. Por outro lado, enquanto alguns Mestres percebem suas capoeiras como parte de um movimento de oposição ao Regime Militar, outros ressaltam que não houve nenhum tipo de capoeira no Rio de Janeiro que tivesse uma proposta política de oposição à Ditadura. Esse seria o exemplo de Mestre Nestor Capoeira, do Rio de Janeiro. Para ele, somente em São Paulo, com o Grupo Capitães d’Areia, houve um posicionamento político claro. Mais uma vez, cabe ressaltar que essas diferentes interpretações sobre um determinado momento histórico não querem dizer quem um deles mente. E sim, que se trata de percepções de mundo distintas, que lançam luz sobre caminhos diversos dos Mestres em questão, conforme desenvolvido em minha dissertação (FONSECA: 2009). Recuperando os estudos sobre a memória da Resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial, pode-se traçar alguns paralelos. Nos últimos anos, enxergar-se, ou a seus parentes, como membros da resistência, indica um maior reconhecimento social em relação aos que se mantiveram inertes. Aqui no Brasil, igualmente, com o restabelecimento da democracia, torna-se mais valorizada uma atuação política que tenha contribuído para a redemocratização após 21 anos de ditadura militar. Mesmo tendo em vista que as operações de rememoração são realizadas ora conscientemente,

ora inconscientemente, é preciso considerar as questões políticas do presente nas quais todos os indivíduos estão imersos.

Um outro ponto relevante para o presente estudo é que a divisão histórica realizada por Mestre Russo é utilizada recorrentemente também por outros mestres. Esses costumam ser identificados como marcos fundamentais para se entender o que é e foi a capoeira. A transição da Monarquia para a República, com a grande perseguição aos capoeiras e a entrada da prática no Código Penal republicano. Antes, durante o período monárquico, são ressaltados, normalmente, a ação das maltas, muitas vezes vistas como embriões dos grupos atuais. Além disso, é constantemente realizada a vinculação da capoeira como mecanismo de resistência contra a escravidão negra e luta pela liberdade. Já os anos 1930, mais especificamente o Estado Novo, aparecem como o momento crucial para se entender como a capoeira se vê organizada hoje. A valorização da capoeira no período e a sua retirada do Código Penal em 1937 é intimamente relacionada à figura de Getúlio Vargas. Nesse período outras duas figuras ganham grande importância: os Mestres Bimba e Pastinha. Normalmente, desse contexto surgem duas interpretações que se vêm relacionadas às correntes de capoeira praticadas pelos mestres.

Em diversos momentos, marcos históricos cruciais nas interpretações acadêmicas sobre a história brasileira são também recuperados pelos capoeiristas. No entanto, isso ocorre quando de fato há uma mudança ou uma valorização social relacionada à prática. Nesse sentido, momentos como a independência do Brasil, em 1822, não são sequer citados, pois não produziram nenhum impacto sobre a capoeira. Usualmente, outra questão relativa também ao século XIX, é pouco mobilizada na fala dos Mestres. Ao final do Império, diversas maltas traçaram estreitos laços com grupos políticos diversos e, principalmente, com os conservadores, servindo, muitas vezes, como capangas eleitorais durante eleições. Conforme apontado por Matthias Assunção (2005), há na capoeira uma grande valorização de uma memória da resistência, ou seja, colocando os capoeiristas como agentes que sempre buscaram resistir às imposições e intransigências do Estado e de grupos políticos dominantes. Dentre esses momentos de resistência mobilizados pelos capoeiristas, pode-se citar a luta contra a escravidão, a Guerra do Paraguai como resistência ao perigo estrangeiro, a sobrevivência da capoeira frente à República e a criminalização da capoeira em 1890. O silêncio sobre a ligação de maltas com políticos importantes nos indica que lembrar e esquecer são ações que

andam estreitamente relacionadas, já que, por definição, só se lembra algo porque outros elementos são esquecidos. Ainda, segundo Henry Rousso (2004: 09), “os silêncios ou os esquecimentos, notadamente de atos cometidos” em situações atualmente reprovadas, “são, sem sombra de dúvida, participantes de uma necessidade política tanto quanto social”[†].

As interpretações do passado além de transmitidas através de gerações pelos capoeiristas, são também modificadas pelos agentes em momentos históricos e políticos diversos. Nas últimas décadas, fundamentalmente a partir dos anos 1980, pode-se assistir a uma maior relação entre capoeiristas, principalmente da Capoeira Angola, e entidades do Movimento Negro. Um capoeirista que merece destaque nessa relação é o Mestre Moraes, fundador do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho. Moraes, a partir de finais da década de 1980 e principalmente início dos anos 1990, começa a estreitar os laços com organizações do Movimento Negro baiano, realizando cooperações em projetos sociais, tal qual o Projeto Erê, especializado no atendimento a crianças carentes. Nesse momento, a figura de Zumbi ganha destaque em detrimento da imagem da princesa Izabel e do 13 de maio. Se em momentos anteriores a Princesa era exaltada, agora se ressaltava o caráter de resistência dos negros e seu papel no processo de abolição. Esse é um deslocamento que acontece em diversos movimentos negros do país e traz conseqüências para alguns estilos de capoeira. É nesse período que é escrita por Mestre Moraes a seguinte ladainha de capoeira que é bastante elucidativa dessas questões:

A História nos engana/ Diz tudo pelo contrário/ Até diz a
abolição/ Aconteceu no mês de maio/ A prova dessa
mentira é que da miséria eu não saio
Viva 20 de novembro/ Momento pra se lembrar/ Não vejo
em 13 de maio/ Nada pra comemorar/ Muitos tempos se
passaram/ E o negro sempre a lutar
Zumbi é nosso herói/ Zumbi é nosso herói, colega velho/
De Palmares foi senhor/ Pela causa do homem negro/ Foi
ele quem mais lutou/ Apesar de toda luta, colega velho/ O
negro não se libertou, camarada!
(Ladainha: Rei Zumbi dos Palmares).

De maneira geral, nesse período, passa a ser comemorado o 20 de novembro em detrimento ao 13 de maio. Zumbi, assim, começa a ser visto como o primeiro

[†] Tradução da autora.

capoeirista que se tem notícia. O Quilombo de Palmares transforma-se, rapidamente, em um local relacionado, para algumas vertentes de capoeira, com a origem da prática. Apesar dessas mudanças, nos últimos anos o 13 de maio voltou a fazer parte de diversas comemorações em grupos de capoeira. No entanto, essa, como o 20 de novembro, não são datas tão hegemônicas, não encontrando eco em todos os grupos e vertentes.

Essas distintas interpretações da história brasileira se dão pois, como apontado por Marie-Claire Lavabre (2001), ao falar de memória, se fala com frequência dos usos sociais e políticos da história. Nesse sentido, ocorre uma instrumentalização política do passado, que é interpretado de maneira a dar sentido e maior valorização a uma postura atual em detrimento de outra. Recuperando mais uma vez Rousso (2004), no fim do século XX e o início do XXI, nossas sociedades ocidentais se viram tomadas por um “regime de historicidade” que se vê ligado a alguns elementos como, por exemplo, de reparação. Ao longo da gestão de Gilberto Gil como Ministro da Cultura, assiste-se, em parte, a um discurso semelhante em relação aos capoeiras. A Capoeira era colocada pelo ex-Ministro como parte importante do patrimônio cultural brasileiro que, durante muito tempo, se viu marginalizada pelo Estado e que, também por isso, deveria receber um maior cuidado do Governo. Essa mudança de postura, aliada com uma maior militância por parte dos capoeiristas, gerou a destinação de verba pública para inúmeros projetos ligados ao tema pela primeira vez na História brasileira. Ainda como uma dessas conquistas, em 2008, a capoeira foi reconhecida como parte do Patrimônio Imaterial do Brasil, abrindo-se, então, novas portas de ação. Esses dados permitem que seja percebida a intrincada rede de relações às quais a capoeira se vê ligada atualmente. Essas questões abrem espaço para a análise de outras chaves de percepção do mundo e da própria capoeira, presentes no mundo da capoeira contemporânea.

Referências Bibliográficas

ABIB, Pedro J. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo de saberes na roda*. Campinas, SP. UNICAMP/ CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.

ALBERT, Jean-Pierre. “Lo que dice la palabra (y que a menudo se pierde).” *Historia, Antropología y Fuentes Orales*. Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 30, 2003, p. 65-81.

_____. *Ouvir contar. Textos em história oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004, p.13-31.

_____. “Histórias dentro da história.” In: Pinsky, Carla (org.) *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005, p.155-202.

_____. “Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras.” *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, ABHO, v. 8, n.1, jan.-jun. 2005, p. 11-28.

AMADO, J. & FERREIRA, M. (orgs.). *Usos de Abusos da História Oral*. 6ª edição, Rio de Janeiro; Editora FGV: 2005.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *Capoeira: the history of an afro-brazilian martial art*. EUA, Routledge, 2005.

_____. *O Poder Simbólico*. 8ª edição, Rio de Janeiro; Bertrand Brasil: 2005.

BRETAS, Marcos Luiz. “Navalhas e Capoeiras: uma outra queda”. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro. V.10, n.59, p. 56-64, nov. 1989.

_____. “A queda do império da navalha e da rasteira (a República e os capoeiras)”. *Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 239-256, jun. 1991.

CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. São Paulo: EDUSC, 2ª edição, 2002.

DEVEREUX, Georges. “L’identité ethnique: sés bases logiques et sés dysfonctions”. IN: _____. *Ethnopsychanalyse complémentaire*. Paris: Fmarion, 1972. P. 131-168.

DOWNEY, Greg. *Learning Capoeira: Lessons in Cunning from na Afro-brazilian Art*. Oxford University Press. Nova Iorque, 2005.

DUMONT, Louis. “Introdução”. *Homo hierarchicus. O sistema das castas e suas implicações*. São Paulo, Edusp, 1992 (2ª ed. 1997), p. 49-67.

FERREIRA, Izabel. *A Capoeira no Rio de Janeiro: 1890-1950*. Coleção Capoeira Viva. Editora Novas Idéias. Rio de Janeiro, 2007.

FIGUEIREDO, Paulo Augusto de. “O Estado Novo e o Homem Novo”. In: *Cultura Política*, n.1, março de 1941, pp 133-148.

FONSECA, Vivian L. *Capoeira Sou Eu – memória, identidade, tradição e conflito*. Dissertação de mestrado realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC/ FGV. Rio de Janeiro, 2009.

GIL, Gilberto. *Brasil, Paz no Mundo*. Discurso proferido em Genebra em 19 de agosto de 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: ed. Centauro, 2004.

HOBBSAWM, E. & RANGER, T. (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1984.

JOUTARD, P. “Desafios à história oral do século XXI”. In: ALBERTI, V; FERNANDES, T.M; FERREIRA, M. (orgs.). *História Oral – desafios para o século*

XXI. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz - Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC - Fundação Getúlio Vargas: 2000.

KOSELLECK, Reinhart. “A História dos Conceitos” In: *Estudos Históricos*, v.2, 2001.

LAVABRE, Marie Claire. “De la notion de mémoire à la production des mémoires collectives”. In: CEFAÏ, Daniel. *Cultures Politiques*. Paris, Puf, 2001.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, Memória-História. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 11-50.

LEJEUNE, Philippe. “Le pacte autobiographique”, disponível em <http://www.autopacte.org/> 2006. (Último acesso: agosto/ 2008)

PASTINHA, Vicente F. *Manuscritos de Mestre Pastinha*.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. “A Capoeira: política cultural no mundo das letras e conflitos simbólicos no Brasil Republicano (1890-1950)”. In: OLIVEIRA, Rosy de & PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões (orgs.). *Sociabilidades Negras – comunidades remanescentes, escravidão e cultura*. Belo Horizonte. Editora Gráfica Daliana Ltda, 2006.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1989, v. 2, n. 3, p. 3-15.

_____. *L'expérience concentrationnaire: essai sur le maintien de l'identité sociale*. Paris, Métailie, 1990.

_____. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1992, v. 5, n. 10, p. 200-12.

REIS, Leticia V. de Souza. *O Mundo de Pernas para o Ar – a capoeira no Brasil*. São Paulo; Publisher Brasil: 1997.

RIOS, Ana Lugão & MATTOS, Hebe. *Memórias do Cativo*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.

ROUSSO, Henry. “Les Dilemmes d'une mémoire européenne” In: *Studies in Contemporary History*. (2004) cópia.

RUSSO DE CAXIAS. *Capoeiragem – Expressões da Roda Livre*. Rio de Janeiro, Impresso Brasil, 2005.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial 1850 - 1890*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Access, 1999.

_____. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro 1808 - 1850*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp/ CNPq/ Fapesp/ Cecult, 2001.

VASSALO, Simone Ponde. “Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira autêntica”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 2003, v.2, n.32, p 106-124

Material Áudio-visual

GOULART, Luiz Fernando. Documentário intitulado *Mestre Bimba – A Capoeira Iluminada*. Biscoito Fino, 2005.

Mestre Moraes – Grupo GCAP. *Capoeira Angola*. Coletânea Inédita com os maiores sucessos. Revista Praticando Capoeira

MURICY, Antônio Carlos. Documentário intitulado *Pastinha: uma vida pela capoeira!* Rio de Janeiro, 1998.

ROCHA, Daniel. Documentário intitulado *Palavra de Mestre*. Produzido com patrocínio do Programa Capoeira Viva do Ministério da Cultura.

Depoimentos

Entrevista com Vilmar da Cruz Brito (Mestre Vilmar) realizada no Rio de Janeiro no dia 03 de Novembro de 2005. Entrevistadores: Vivian Fonseca e Maurício Xavier.

Entrevista com Célio Luiz de Paula Gomes (Contra-mestre Urubu) realizada no Rio de Janeiro no dia 14 de Novembro de 2005. Entrevistadores: Vivian Fonseca e Maurício Xavier.

Entrevista com José Tadeu Carneiro Cardoso (Mestre Camisa) realizada no Rio de Janeiro no dia 21 de Março de 2006. Entrevistadores: Vivian Fonseca e Maurício Xavier.

Entrevista com Jonas Rabelo (Mestre Russo) realizada em Belford Roxo no dia 23 de Agosto de 2006. Entrevistadora: Vivian Fonseca.

Entrevista com Nestor Sezefredo dos Passos Neto (Mestre Nestor Capoeira) realizada no Rio de Janeiro, no dia 20 de novembro de 2008. Participação de Ligia Cavalcanti de Albuquerque. Entrevistadora: Vivian Fonseca.